

## Atitudes e Consumo de Tabaco, Álcool e Droga: Implicações para a Prevenção

Jorge Negreiros de Carvalho \*

Diversas limitações metodológicas não permitem estabelecer conclusões definitivas sobre a eficácia dos programas de prevenção das toxicodependências desenvolvidas no decurso dos últimos vinte anos. Reconhece-se, todavia, o limitado impacto das abordagens centradas no fornecimento de informações sobre drogas.

Este trabalho analisa a correspondência entre atitudes e o consumo de diferentes substâncias psicoactivas (legais e ilegais), junto de uma amostra de estudantes a frequentar o 11.º ano de escolaridade. Nas conclusões deste estudo, discute-se o valor heurístico da escala de atitudes utilizada enquanto meio de possibilitar a identificação de adolescentes em «risco», relativamente aos quais seria desejável dirigir as intervenções preventivas.

Nos últimos anos têm-se multiplicado as tentativas de identificar modelos de prevenção do consumo de drogas que se revelam verdadeiramente eficazes. Dum modo geral esses esforços têm alcançado um sucesso limitado a ponto de vários investigadores advogarem o estabelecimento de uma moratória na distribuição e produção de programas até que se demonstrem claramente que as estratégias que integram são susceptíveis de produzir um impacto positivo no consumo do álcool e drogas.

### **Programas preventivos: sucesso ou fracasso?**

As dificuldades com que este domínio da investigação se confronta são de diversa natureza. Para alguns autores, por exemplo, os resultados acumulados sobre os efeitos destes programas não permitem até ao momento, fornecer uma resposta definitiva acerca da sua eficácia. Tal situação ficar-se-ia a dever, em larga medida, à incapacidade de incorporar um método para avaliar o sucesso (ou fracasso) das estratégias utilizadas. Outros autores justificam o limitado alcance das acções de

prevenção pelo excessivo ênfase que tem sido colocado na transmissão de conhecimentos sobre drogas enquanto factor susceptível de operar mudanças nas atitudes e nos comportamentos. Há ainda quem explique a ineficácia de algumas estratégias pela impossibilidade revelada por certos programas, em atender à «realidade» social e cultural do meio onde são implementados.

Quaisquer que sejam os factores invocados, a situação actual, neste domínio de investigação, sugere um quadro pouco encorajador. No conjunto de 20 estudos desenvolvidos no início da década de 70, Godstadt (1974), por exemplo, verificou que em escassos programas que incluíam procedimentos de avaliação, as mudanças produzidas diziam unicamente respeito a um aumento dos conhecimentos acerca das drogas, permanecendo inalteradas, que as atitudes quer o consumo actual. Dos vinte estudos analisados por Godstadt, só num foram conseguidas alterações positivas ao nível dos valores e uma redução no consumo relatado de álcool e tabaco. Contudo foram vários os estudos que apresentaram efeitos negativos como resultado da aplicação de diferentes programas de educação sobre drogas. Os efeitos negativos observados relacionavam-se, essencialmente,

---

\* Assistente da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Membro do Centro de Psicologia do Comportamento Desviante.

com uma alteração das atitudes num sentido favorável ao consumo de drogas e mesmo uma tendência para um aumento do uso do álcool.

Outro trabalho mais recente, realizado por Shaps e colaboradores (1981), procedeu a uma avaliação da eficácia de 127 programas de prevenção do consumo de drogas, desenvolvidas no período que decorreu entre 1968 e 1977. Os estudos incluídos nesta revisão foram seleccionados com base nos seguintes critérios: 1) presença de processos de avaliação dos efeitos do programa e 2) utilização de medidas de eficácia específicas do consumo de drogas. Todos os estudos seleccionados mediam, pois, os efeitos do programa quer no consumo de substâncias psicoactivas quer ainda nas intenções e/ou atitudes em relação às drogas. Dos 127 programas, 57% eram de curta duração e 36% estavam ainda a ser aplicados. Cerca de 80% foram implementados em escolas secundárias e tinham, dum modo geral, tendência a concentrar-se em populações juvenis. Só 18% dos programas eram dirigidos a crianças com idades compreendidas entre os 9 e os 10 anos e, unicamente 6% tinham como população-alvo crianças com idades entre os 5 e os 8 anos.

Foram identificadas dez tipos de estratégias (por exemplo, fornecer informação, estratégias persuasivas, aprendizagem de competências, alternativas, etc.), verificando-se uma combinação de estratégias em quase metade dos programas. O sistema mais utilizado para medir os efeitos das intervenções baseava-se no uso de um método de pré/pós-teste. Os métodos de recolha de informações incluíam questionários, entrevistas e observação directa de comportamentos considerados relevantes. O processo mais comum para avaliar o impacto do programa, consistia em medidas de atitudes, tendo cerca de 3/5 dos estudos utilizado unicamente um tipo de medida. Os vários estudos integravam ainda questões acerca do uso de diferentes drogas. A maioria das investigações (cerca de 52%) utilizaram grupos não aleatórios e cerca de

17% não empregavam um grupo de controlo.

Quando a qualidade dos grupos de controlo era elevada, os programas tinham tendência a apresentar uma relativamente fraca intensidade. No seu conjunto, os 127 programas produziram reduzidos efeitos nos comportamentos e atitudes face ao consumo de drogas, embora tivessem consistentemente aumentado os níveis de informação. Um estudo focalizado nos 10 programas melhor concebidos revelou efeitos favoráveis em nove e efeitos negativos num programa. Este último recorreu a uma estratégia de informação.

A ineficácia dos programas cujo objectivo consiste em modificar o comportamento e as atitudes em relação às drogas através da disseminação de informação é já um dado suficientemente estabelecido na literatura. Não existe, com efeito, nenhuma evidência científica que suporte o princípio segundo o qual as atitudes ou os comportamentos podem ser positivamente afectados mediante a apresentação de informações sobre as diferentes substâncias psicoactivas. Pelo contrário, os dados até agora acumulados parecem sugerir um efeito contrário. No entanto, seria errado concluir que a informação deve ser banida dos programas de prevenção sobre drogas. O factor mais relevante parece relacionar-se, essencialmente, com os métodos utilizados para transmitir essa informação. Trabalhos recentes têm, com efeito, fornecido algum suporte à noção de que o tipo de apresentação poderá constituir a variável mais importante em qualquer experiência preventiva. Morgan e Hayward citado em Kinder e colaboradores, (1980), por exemplo, ao compararem a eficácia de sessões formais sobre drogas com métodos mais informais, baseados em grupos de discussão, verificaram que o primeiro daqueles processos produziu mudanças nas atitudes claramente a favor do uso de drogas. Resultados similares foram obtidos por Stuart (1974) num estudo sobre o impacto da educação sobre o álcool em adolescentes e que envolveu cerca de 1000 estudantes do ensino secundário.

A intervenção, centrada em exposições sobre a fisiologia e farmacologia das drogas e álcool, bem como nas ramificações legais, sociais e psicológicas do seu uso, originou um aumento dos níveis de informação mas também um incremento dos níveis de consumo de drogas e álcool.

Pelo exposto, parece evidente a impossibilidade de fornecer uma resposta definitiva à questão que formulamos ao iniciar estas considerações: «Programas preventivos: sucesso ou fracasso?». Mas se os dados disponíveis não permitem estabelecer conclusões seguras acerca da eficácia das estratégias de prevenção, seria no entanto, incorrecto concluir que tais estratégias não apresentam qualquer valor ou mesmo que têm tido um efeito negativo no sentido de encorajar o uso de drogas. O estado actual dos conhecimentos nesta área de investigação, impõe, todavia, que as pesquisas a desenvolver futuramente, se exprimam na realização de estudos-piloto, cuidadosamente concebidos, em que se atribua uma importância central aos processos de avaliação da sua eficácia.

As estratégias preventivas poderão ainda ver aumentada a sua eficácia se se dirigirem às necessidades de um determinado grupo em «risco» em vez de incidirem sobre populações de adolescentes não seleccionadas.

O estudo exploratório que efectuaamos junto de estudantes do 11.º ano da escolaridade obedeceu, deste modo, a um duplo objectivo: 1) analisar a correspondência entre atitudes e uso de diferentes substâncias psicoactivas, legais e ilegais e; 2) discutir o valor heurístico deste método no sentido de possibilitar a identificação de jovens considerados em «alto risco», relativamente aos quais seria desejável dirigir as intervenções preventivas.

#### **Atitudes e consumo de álcool e drogas: que correspondência?**

Nas últimas décadas vários investigadores têm procurado analisar a relação entre atitudes e comportamento e

determinar a influência predictiva das atitudes ao nível dos diferentes padrões de comportamento. De acordo com Ajzer e Fishbein (1970), o comportamento está em função das intenções comportamentais, as quais estão, por seu lado, em função das atitudes em relação ao acto em questão. Assim, as intenções de fumar, por exemplo, poderão «deduzir-se» a partir das atitudes em relação ao uso de tabaco. Neste estudo exploratório quisemos, justamente, analisar a relação entre as atitudes expressas acerca do uso de tabaco, álcool e drogas ilegais e a frequência de consumo de cada uma destas substâncias.

#### *Método*

A amostra para o presente estudo é constituído por 144 estudantes aleatoriamente seleccionados entre quatro das oito turmas do 11.º ano de escolaridade numa Escola Secundária, representando esse número cerca de 50% dos alunos nesse ano de escolaridade. Quarenta e nove eram do sexo masculino e noventa e cinco do sexo feminino, apresentando uma média de idades de 16.6 anos.

O questionário destinado a medir as atitudes em relação ao uso de álcool, tabaco e drogas ilícitas compreende 24 itens, sendo 8 itens específicos de cada substância. No sentido de uniformizar o conteúdo entre os itens positivos e negativos, procurou-se, sempre que possível, que cada item positivo fosse quase o inverso do item negativo. No quadro I são apresentados alguns exemplos de itens das escolas referentes às atitudes sobre o uso de tabaco, álcool e drogas.

Os itens foram escolhidos tendo em consideração o resultado de entrevistas em profundidade realizadas junto de adolescentes com características semelhantes às dos estudantes que constituíam a presente amostra e cujas conclusões foram já descritas noutro lado (Carvalho, 1986). Uma primeira versão do questionário foi posteriormente administrada a uma amostra-piloto de 30 estudantes, com o objectivo de «testar» a clareza e precisão das questões

Quadro I— Exemplos de itens das escalas referentes às atitudes sobre o consumo de álcool, tabaco e drogas

Não há mal nenhum em consumir bebidas alcoólicas se isso fizer com que a pessoa se sinta melhor.
Quem for apanhado a conduzir com excesso de álcool no sangue deve ser preso.
Beber bebidas alcoólicas é perigoso para a saúde.
Não há mal nenhum em fumar alguns cigarros por dia.
Deveria ser proibido fumar em todos os recintos fechados.
Usar tabaco é uma maneira errada de reagir a situações que nos provocam nervosismo.
Não há mal nenhum em consumir drogas desde que a pessoa se sinta bem.
Certos tipos de drogas deveriam ser legalizadas.
Usar drogas é mau para a saúde, mesmo que seja só para experimentar.

formuladas. Relativamente a cada questão, os estudantes eram solicitados a expressar a sua opinião, assinalando uma entre cinco posições propostas (desde «concordo muito» até «discordo muito»). O questionário incluía ainda questões acerca do uso do tabaco, álcool e drogas. No sentido de possibilitar o tratamento da informação relacionada com as atitudes, procedeu-se à

conversão dos itens negativos em itens positivos. Em resultado desta modificação, quanto mais elevado for o «score», mais desfavorável será a atitude subjacente.

#### Resultados

As atitudes que os jovens detinham acerca do uso do tabaco, drogas ilícitas

Quadro II— Relação entre atitudes e consumo de tabaco

	N	M	DP	T	P
Atitudes/tabaco					
fumadores	43	28.86	3.95	-7.25	.001
não-fumadores	101	33.74	2.99		
Atitudes/drogas					
fumadores	43	29.55	6.41	-3.49	.001
não-fumadores	101	33.25	4.10		
Atitudes/álcool					
fumadores	43	29.44	3.95	-3.28	.002
não-fumadores	101	32.08	2.99		

tas e álcool foram comparadas com a frequência relatada do consumo de cada uma destas substâncias.

Em relação ao consumo de tabaco foram definidas duas categorias: 1) fumadores e 2) não-fumadores. Na primeira daquelas categorias foram incluídos os sujeitos que referiam um consumo diário de tabaco os quais representavam nesta amostra 29,9%. Seguidamente, foram comparados os «scores» médios obtidos na «escala» de atitudes relativa ao uso de tabaco, pelos dois grupos.

Como se pode observar no Quadro II, o «score» médio para os não-

uma «posição» claramente mais favorável à utilização daquelas substâncias.

Esta constatação é *extensível* aos consumidores de drogas ilícitas. Neste estudo, a análise incidiu unicamente sobre consumidores de «cannabis», os quais constituem 14% da presente amostra (n=19). Este número engloba os adolescentes que referiam ter utilizado esta substância durante as quatro semanas que antecederam a passagem do questionário, tendo sido excluídos os sujeitos que relatavam ter experimentado esta droga uma única vez. No Quadro III são indicados os «scores» médios obtidos pelos consumidores e não-consumidores nos itens referentes

Quadro III— Relação entre atitudes e uso de cannabis

	N	M	DP	T	P
Atitudes/drogas					
consumidores	19	24.57	4.85	-7.6	.001
não-consumidores	117	33.52	4.10		
Atitudes/tabaco					
consumidores	19	29.21	4.19	-3.68	.001
não-consumidores	117	32.95	3.59		
Atitudes/álcool					
consumidores	19	27.63	4.79	-3.73	.001
não-consumidores	117	31.97	4.12		

-fumadores (n=101) foi de 33.74, sendo de 28.86 para os sujeitos que relatavam um consumo diário de tabaco (n=43). Utilizando «testes t», esta diferença revelou-se altamente significativa (t=7.25, g. l.=63, p<.007). No mesmo quadro são apresentados os valores médios obtidos nos itens destinados a medir as atitudes dos jovens em relação ao consumo de drogas ilícitas e álcool. Foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos nas atitudes que apresentam em relação ao uso das drogas ilegais (p<.001) e ao consumo de álcool (p<.01), evidenciando os fumadores

às três «escalas» de atitudes. As diferenças observadas entre os dois grupos são altamente significativas (p<.001).

Finalmente examinou-se a correspondência entre a frequência de consumo de bebidas alcoólicas e as respostas destinadas a medir as atitudes em relação ao uso de álcool. A análise foi conduzida separadamente para os três tipos principais de bebidas alcoólicas (cerveja, vinho e bebidas destiladas), tendo sido definidos três grupos de adolescentes em função da frequência do consumo durante o último mês (1) não-consumo e/ou uma ou duas vezes por

mês; 2) uma ou duas vezes por semana; 3) uma ou duas vezes por dia e/ou várias vezes por dia). Os resultados de análise de variância aplicada aos três grupos são apresentados no Quadro IV.

tude representa o comportamento (Grem, citado em Lowney, 1984), poder-se-á talvez concluir que os dados a que se chegou confirmam, dum modo geral, a validade predictiva deste «constructo». De facto, os resultados de-

Quadro IV — Resultados da análise de variância para cada tipo de bebida alcoólica nos três grupos

Fonte	G.L.	S.Q.	Q.M.	F	P
Vinho					
entre grupos	2	582.67	291.33	19.02	.0001
dentro dos grupos	141	2159.48	15.31		
Cerveja					
entre grupos	2	325.28	162.64	12.87	.0001
dentro dos grupos	130	1642.38	12.63		
Bebidas destiladas					
entre grupos	2	369.24	184.62	10.78	.0001
dentro dos grupos	138	2361.74	17.11		

As diferenças para os três tipos de substâncias revelaram-se altamente significativas ( $p < .001$ ).

Utilizando «t testes», comparou-se, de seguida, os resultados médios obtidos nas «escalas» sobre o uso de tabaco e drogas ilícitas, com a frequência do consumo para cada um dos três tipos de bebidas alcoólicas. Nesta análise só foram considerados dois grupos de sujeitos: os que referiam um consumo diário e os restantes. Não se observaram quaisquer diferenças estatisticamente significativas, com excepção para os adolescentes que relataram um consumo diário de cerveja, os quais se mostraram mais favoráveis ao consumo de tabaco ( $p < .05$ ) e ao consumo de drogas ilícitas ( $p < .001$ ).

### Discussão

Os resultados deste estudo são globalmente encorajadores. Se considerarmos que a «validade» de uma atitude consiste no grau em que essa ati-

monstram claramente a existência de uma associação significativa entre atitudes e comportamento. Assim, os adolescentes que referiram um consumo habitual das várias substâncias, tinham igualmente tendência a manifestar uma posição mais favorável relativamente ao seu uso.

Esta relação verificou-se não só para os itens específicos de cada substância (tabaco, álcool e drogas ilícitas), como pode ainda confirmar-se para as questões relacionadas com as atitudes face às outras drogas. Os fumadores, por exemplo, não só detinham atitudes mais favoráveis do uso de tabaco como se mostraram ainda mais favoráveis ao consumo de álcool e drogas ilegais.

Os diferentes métodos que têm sido propostos com vista à caracterização de populações em «risco», têm-se baseado, largamente, na noção de «percursor psicossocial» (Bry, 1983). Trata-se de identificar determinadas condições psicossociais que aparecem, habitual-

mente, associadas a um consumo excessivo de álcool e drogas. Esses indicadores de risco incluem variáveis sociais e interpessoais, como o uso de álcool pelos pais e pelos companheiros (Kandel et al., 1976), ou características da personalidade como uma baixa auto-estima (Mitic, 1980), necessidade de independência e maior tolerância face a comportamentos que envolvem transgressões de normas sociais (Jessor e Jessor, 1978).

Embora os resultados deste estudo não permitam estabelecer conclusões seguras, devido ao limitado número de sujeitos que figuram na categoria «consumidores de drogas ilícitas» ( $n=19$ ), é, no entanto, razoável supor que os adolescentes com atitudes mais favoráveis em relação ao uso das diversas substâncias psicoactivas, farão mais facilmente a transição para um consumo habitual do que os jovens que exprimem atitudes mais negativas. A confirmar-se esta hipótese, os estudos que visam a identificação de grupos em «alto risco» poderiam eventualmente beneficiar com a consideração deste tipo de variável.

### Résumé

*Attitudes et consommation de tabac, alcool et drogue: Implications pour la prévention*

De nombreuses limitations méthodologiques ne permettent pas d'établir des conclusions définitives sur l'efficacité des programmes de prévention des toxico-dépendances; malgré tout on reconnaît l'inefficacité des approches centrées sur la transmissions d'informations sur drogues.

Cet article analyse la correspondance entre les attitudes et l'usage des différentes drogues (légal et illégal), dans une population d'étudiants de l'enseignement secondaire. Dans les conclusions de cette étude, on discute la valeur des échelles d'attitudes utilisées en ce qui concerne la possibilité d'identifier adolescents «à risque», auprès desquels on pourrait souhaiter conduire les interventions préventives.

### Abstract

*Attitudes and tobacco, alcohol, and drug use: Implications to prevention*

Though it is difficult to draw any consistent conclusions about the efficacy of drug abuse preventive programs, due to its serious

methodological weaknesses, it is recognized that information-based approaches have no positive impact in alcohol/drug behaviors or attitudes.

This article studies the correspondence between attitudes and use of different psychoactive substances (legal and illegal) in a sample of portuguese secondary school students. We finally discuss the heuristic value of the attitude scales used in this study in order to identify adolescents «at risk» to whom would be advisable address the preventive interventions.

### Bibliografia

- Ajzen, I. e Fishbein, M. (1970). The prediction of behavior from attitudinal and normative variables. *Journal of Experimental Social Psychology*, 6, 466-487.
- Bry, B. (1983). Empirical foundations of family-based approaches to adolescent substance abuse. *National Institute on Drug Abuse: Research Monograph Series*, 47, 154-179.
- Carvalho, J. (1986). Percepção dos motivos e conseqüências do consumo de tabaco, álcool e drogas junto de estudantes do 10.º ano de escolaridade: Implicações para a prevenção. *O fenómeno da droga em Portugal*. Lisboa: Instituto de Pesquisa Social Damião de Góis (policopiado).
- Lowney, J. (1984). Correspondence between attitudes and drug behavior: Youth subculture over time. *Adolescence*, 76, 875-892.
- Kandel, D. B., Treiman, D., Faust, R. e Single, E. (1976). Adolescent involvement in legal and illegal drug use: A multiple classification analysis. *Soc. Forces*, 55, 438-458.
- Kinder, B. N., Pape, N. E. e Walfish, S. (1980). Drug and alcohol education programs: A review of outcome studies. *The International Journal of Addictions*, 15, 1035-1054.
- Goodstadt, M. S. (1974). Myth and methodology in drug education: A critical review of the research evidence. In: Goodstadt, M., ed. *Research on Methods and Programs of Drug Education*. Toronto, Canada: Alcoholism and Drug Addiction Foundation of Ontario, 113-145.
- Jessor, R. e Jessor, S. L. (1978). Theory testing in longitudinal research on marijuana use. In: Kandel, D. B., ed. *Longitudinal Research on Drug Use: Empirical Findings and Methodological Issues*. New York: Hemisphere, 3-38.
- Mitic, R. (1980). Alcohol use and self-esteem of adolescents. *Journal of Drug Education*, 10, 197-208.
- Shaps, E., DiBartolo, R., Moscowitz, J., Palley, C. S. e Churgin, S. (1981). A review of 127 drug abuse prevention program evaluations. *Journal of Drug Issues*, 11, 17-43.
- Stuart, R. (1974). Teaching facts about drugs: Pushing or preventing? *Journal of Educational Psychology*, 66, 189-201.